

NO PAÍS DOS QUILOMBOLAS

País dos quilombos. Filme dirigido por Leonard Abrams e narrado por Chuck D. 2008. 73 min.

País dos quilombos, como indica o texto que acompanha o DVD, é um documentário sobre algumas comunidades rurais no Brasil, fundadas por ex-escravos em propriedades abandonadas. Os quilombos em foco estão localizados no Maranhão (próximos da cidade de Itapecuru), na Ilha de Marajó (em torno da cidade de Salvaterra) e na bacia do rio Trombetas (na Amazônia). Produzido em vídeo digital, foi escrito, dirigido, cinematografado e editado por Leonard Abrams. Tem duração de 83 minutos. A primeira edição, em inglês, é de 2005, mas, posteriormente, teve cortes. Em 2006, recebeu narração do conhecido poeta e cantor norte-americano de *hip hop* Chuck D., e, em 2008 provavelmente, foi produzida a versão em português.

O objetivo original, segundo o narrador do filme, é mostrar como a herança africana tornou-se o segredo dos quilombolas, responsável pela sua sobrevivência no novo mundo. Sem dúvida, está presente ao longo

do filme a ideia de que, através dos quilombos de hoje, é possível conhecer e registrar a histórica luta de resistência dos descendentes de africanos no Brasil por suas terras e sua cultura material e imaterial.

As imagens sobre o território ocupado pelos quilombolas, sobre seus hábitos alimentares, festas e expressões musicais e religiosas são belíssimas e demonstram a vitalidade e a diversidade da cultura desses descendentes de africanos no Brasil, como o tambor de crioula, as festas com o boi, o carimbó, as festas com mastro, as homenagens das caixeiros ao Divino Espírito Santo e a Santa Filomena, as macumbas, os ritos de cura e a pajelança. Essas imagens demonstram também o olhar apurado e sensível da câmara e do editor do *País dos quilombos*.

Um filme, muito mais que um texto escrito, toca o coração e todos os nossos sentidos. Por isso, cresce a responsabilidade do cineasta e editor de um documentário, especial-

mente tratando-se de um jornalista estrangeiro de Nova York, pouco versado nos assuntos da história e da antropologia brasileiras. Também precisa acontecer uma certa química de sentimentos e interesses entre os filmados e o entrevistador. O resultado final nunca pode ser atribuído apenas a um dos lados, mesmo que um deles consiga reunir todo o aparato técnico desejável, como parece ter sido o caso. O envolvimento e a parceria dos entrevistados na produção de um filme são fundamentais.

Não consegui descobrir informações detalhadas sobre como Leonard Abrams chegou a todas essas comunidades e pessoas. Pelo que pude perceber, seu passo inicial teria sido o contato com lideranças regionais quilombolas. Suas motivações, declaradas em uma entrevista, também são algo vagas, e misturam interesse por um desconhecido Brasil, por Zumbi, de quem ouviu falar em Salvador, nos anos de 1990, e pela busca de pessoas especiais que constroem suas vidas em meio a muitas dificuldades.¹

Depois de assistir ao filme, é possível afirmar que, para além das motivações de Abrams e das lideranças contatadas, os quilombolas do Maranhão, de Marajó e do Trombetas

tiveram uma participação fundamental na produção final. Confiaram-lhe suas histórias, valores e desejos, e receberam em troca imagens repletas de força e beleza. Os quilombolas do filme são, sem dúvida, além de protagonistas, coautores, embora o diretor não assuma essa perspectiva e declare na capa do DVD que se trata de um filme de Leonard Abrams.

Não consegui descobrir se, para além do filme, outras entrevistas foram realizadas e se há um arquivo mais amplo de filmagens, disponível para consulta. De qualquer forma, mesmo que se possa pensar numa seleção comprometida ou parcial, os depoimentos de todos os entrevistados – e posso garantir que não foram poucos – são densos e poderosos. Irradiam a força dos que acreditam no futuro e têm orgulho de seu passado, em meio a todas as dificuldades e obstáculos colocados por fazendeiros, que disputam suas terras, ou por governos, que não regularizam sua situação e não abrem caminhos para o exercício de uma cidadania justa e plena. De fato, dentre outros, não há como esquecer os depoimentos de Severina Silva, organizadora da festa do boi e mãe de santo no Maranhão; de Mestre Damasceno, neto de escravos, líder do Carimbó de Marajó; da professora Cristiane Oliveira, muito feliz por lecionar em um quilombo do rio Trombetas; ou, ainda, os depoimentos de Ligiani e Madeuce, bem

¹ Ver http://www.kuilombofilm.com/Southern_Quarterly_Quilombo_Story.pdf. Acessado em 24 de abril de 2011. Pesquisa de Phillip Gentile.

no final do filme, que, com coragem e sorriso nos rostos, não querem perder a terra onde nasceram seus pais.

Aliás, algo que fica evidente no filme é a expressiva atuação das mulheres nos quilombos: nas festas, na vida religiosa, no trabalho, na alimentação, na construção de casas e na vida política. Leonard Abrams teve a sorte de assistir e documentar (aliás, todo diretor tem que ter um pouco de sorte), em 2002, a um grande encontro de quilombolas do Maranhão, em Santa Rosa. Nessas cenas, evidencia a força das mulheres e o quanto a cultura, a política e a construção de identidades étnicas podem caminhar juntas e interferir no combate ao racismo e na luta pela terra. Diversas vezes as entrevistadas (e os entrevistados) denunciam situações de racismo e ameaças de perda da terra.

Os maiores problemas do *País dos quilombos* ficam mesmo por conta do texto de um narrador que nunca é apresentado. Presume-se que o autor do texto seja Leonard Abrams. Esse narrador, como se revelasse uma verdade, conduz o filme todo e procura explicar a história da escravidão no Brasil ou as situações festivas e religiosas. Nesses momentos, o filme é muito superficial e reproduz informações equivocadas sobre a escravidão no Brasil, o que torna não recomendável sua apresentação em escolas ou em redes públicas de educação.

Logo de início, por exemplo, o narrador declara que o Brasil era uma espécie de “campo de concentração” no período da escravidão. Aliás, associado ao período colonial, o período da escravidão é tratado em bloco, como um longo tempo homogêneo e uniforme. Ao procurar localizar as revoltas escravas, apresenta, equivocadamente, um mapa das revoltas regionais do período regencial. No campo religioso, festivo e musical, as informações não são confiáveis, pois insiste em precisar a origem africana e/ou indígena para certas práticas que, no fundo, são frutos de muitos trânsitos e negociações culturais. As avaliações sobre a criação de sincretismos e o pretensão domínio completo da Igreja Católica, no passado, também se ressentem de um maior conhecimento e contextualização do assunto.

Deve-se considerar, entretanto, que Leonard Abrams consegue indicar que os quilombos modernos não são apenas os representantes atuais de comunidades de escravos fugidos. Outras situações, se bem que pouco especificadas, como doações ou abandono de terras anteriormente produtivas, também propiciaram a continuidade, no tempo, de comunidades rurais camponesas negras e caboclas. Com razão, destaque especial é dado à Constituição de 1988, como marco para as lutas pelo acesso à terra dos remanescentes de qui-

lombos, pela construção de uma identidade negra e a formação de associações de quilombolas. Preciso reconhecer que não é objetivo do filme a reconstrução da história das comunidades ou da trajetória de seus membros. Cada quilombo é tratado como representante de um coletivo maior, formado por descendentes de uma luta anterior contra a escravidão e que se renova atualmente na afirmação de direitos e na luta contra o racismo.

Pelas informações que consegui no próprio site de sua divulgação (<http://www.paisdosquilombos.com>), *País dos quilombos* recebeu premiações internacionais, como, por exemplo, a de melhor produção de filme/vídeo documentário pelo Cinema Internacional Negro de 2007, no Festival de Berlim. Para uma plateia internacional, é compreensível esse reconhecimento, pois ele propicia muitas descobertas. Para o público brasileiro, entretanto, a novidade fica mesmo na força do relato desses novos personagens da história do Brasil recente. Muitos brasileiros ainda os desconhecem como atores políticos e não conseguem imaginar suas possibilidades de organização e ação, nos mais diferentes lugares do Brasil.

Deve-se registrar que têm crescido a produção e a discussão de filmes que abordam quilombos e expressões da cultura afro-brasileira e afro-americana. A emergência de novos grupos quilombolas, que se iden-

tificam como negros e portadores de um patrimônio cultural e histórico próprio, ao lado da maior facilidade de acesso aos recursos de filmagem e edição, contribuem para alargar o interesse para além dos especialistas. Pesquisadores, por sua vez, começam a descobrir as possibilidades de registro e divulgação da pesquisa histórica, antropológica e educacional através de filmes.²

Já é possível acompanhar a sua produção, facilmente localizada na internet e em festivais especializados. Dentre eles, destaco o Etnodoc, que, desde 2007, é organizado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), o Departamento de Patrimônio Imaterial (Iphan/MinC) e o Festival Internacional de Filmes de Pesquisa sobre a Escravidão Moderna, organizado, desde 2008, pelo Laboratório de História Oral do Departamento de História da UFF, ao lado de centros de pesquisa da Universidade de Laval (Canadá), do Harriet Tubman Institute da York University e do Centre International de Recherches sur les Esclavages (CIRES-CNRS).

² Posso destacar os filmes produzidos pelo Observatório Jovem e dirigidos pelo professor Paulo Carrano sobre os quilombos de São José da Serra (*Sementes da Memória*), do Bracuí (*Velhas Lutas, joyens histórias*), e da Ilha da Marambaia (*É minha terra*): <http://www.uff.br/observatoriojovem/?q=secoes/videos>, acessado em 24 de abril de 2011.

Sem dúvida, as vantagens desse tipo de produção são evidentes, pois o suporte dos filmes não só amplia o conhecimento sobre as temáticas em foco, ao incluir som e imagem, como também facilita a divulgação em escolas e canais de televisão. Entretanto, cria novos problemas que exigem a atenção dos pesquisadores. Por exemplo, como devolver aos protagonistas dos filmes os louros por sua participação no produto final? Ou como repartir a autoria num trabalho que envolve entrevistados, pesquisadores, câmeras, roteiristas e editores de filmes? O trabalho de armazenamento do material filmado e a construção de acervos também exigem discussão, planejamento e transparência.

Enfim, se os problemas e os desafios não são pequenos, o prazer também é imenso. Eu já disse uma vez

que, depois de participar, com Hebe Mattos e grande equipe, da realização de três filmes digitais, não quero mais parar de “escrever” filmes de história.³ Para os historiadores, particularmente, recomendo a experiência, que interrompe nosso trabalho quase sempre solitário, abre caminhos para a escrita da história e amplia a divulgação dos resultados da pesquisa. Nossas hipóteses e teses tornam-se roteiros. Nossas entrevistas transformam-se em acervos documentais e nossas fontes, em personagens que acabam impondo-se nos filmes, com a sabedoria de suas narrativas. O resultado final, uma escrita da história em vídeo, termina sendo sempre fruto de muitos diálogos e proveitosos conflitos com pesquisadores, produtores, cineastas, editores e, o que é o melhor, com os próprios personagens.

Martha Abreu

Universidade Federal Fluminense

³ Em 2005, Hebe Mattos e eu realizamos *Memórias do cativo*; em 2007, *Jongos, calangos e folias*, em 2009, sob a direção de Matthias R. Assunção, *Jogo do pau*; em 2011, concluiremos mais um filme, agora sobre a memória do tráfico escravo e a construção de uma vigorosa tradição oral numa região do sul fluminense. Nossa experiência em fazer filmes pode ser acompanhada em http://www.historia.uff.br/jongos/?page_id=9.